

Os Italianos do Bexiga, São Paulo, 1878/1930¹

Ana Lúcia Duarte Lanna²

A cidade de São Paulo sofreu uma enorme expansão e transformação, quantitativa e qualitativa, entre finais do século XIX e início do século XX decorrente da chegada e fixação de milhares de imigrantes europeus, notadamente os de origem italiana. A bibliografia que trabalha a ampla temática da imigração para o Brasil e especialmente para o estado de São Paulo destaca a importante relação entre atividade cafeeira e imigração européia e subsidiada. A presença dos imigrantes nas cidades aparece como tema, sobretudo em bibliografia sobre o movimento operário, que destaca a forte presença dos estrangeiros nas primeiras associações e manifestações de trabalhadores.

Pretendemos aqui analisar outras relações que articulam imigrantes italianos e a cidade de São Paulo nos distanciando das duas relações apontadas acima. Interessa-nos reconhecer imigrantes que não se inserem na relação com a cafeicultura e com a imigração subsidiada e que fazem da cidade seu destino primeiro e preferencial. Compreender a presença destes grupos parece-nos essencial para traçar algumas das complexas relações entre a construção da cidade de São Paulo e a imigração.

A proposta deste texto é apresentar, a partir da pesquisa em andamento, um campo de possibilidades de compreensão da relação entre imigração e vida urbana. O esforço é pensar sobre a cidade que esses estrangeiros revelam tomando por base as relações entre a construção do espaço e as práticas sociais. Nesta perspectiva apresentamos a região de estudo, o Bexiga, e algumas de suas características quando da transformação de chácara em loteamento e daí em bairro. Neste processo a presença de estrangeiros de origem do sul da Itália é decisiva seja ao construírem a memória do bairro italiano seja na efetiva ocupação do mesmo. Procuramos então compreender o ato migratório destes grupos e aprofundar a leitura do bairro considerando as

¹ Este texto é resultado de pesquisa realizada no âmbito do projeto temático FAPESP *São Paulo: os estrangeiros e a construção da cidade*.

² Historiadora, professora titular da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP

redes de relações estabelecidas que tem na origem comum um dado significativo.

1. Bexiga, a construção de um bairro

Até a primeira metade dos oitocentos a cidade de São Paulo concentrava-se na colina histórica. Eudes Campos mostra como a maioria dos equipamentos urbanos poluidores e de desprestígio – e até mesmo perigosos – dos quais todos que podiam preferiam manter distância estavam concentrados ao sul da aglomeração urbana: a forca, desde o século XVI ficava no lugar hoje ocupado pela Praça da Liberdade; o Cemitério dos Indigentes e Enforcados na atual Rua dos Estudantes, o Matadouro Municipal, erguido em 1849 e 1853, na altura da atual Rua Humaitá. Afirma ainda o historiador que a leste, o agradável arrabalde chacareiro do Brás encontrava-se separado da cidade pela ampla várzea do Tamanduateí, sempre inundada na época das chuvas. Apropriados à expansão do uso residencial urbano destinado às camadas sociais privilegiadas, só restavam, portanto a Luz, ao norte, e a Cidade Nova, a oeste³. Os atuais bairros da Liberdade e do Bexiga eram então arrabaldes da cidade, portadores dos lugares indesejados, mas imprescindíveis à vida urbana.

A história da região do Bexiga⁴ revela a existência de uma ampla área, articulada à cidade, que servia como lugar de caça, de abrigo de escravos fugidos, e pessoas portadoras da varíola (bexiga)⁵. Também nesta região havia, pelo menos desde o início do século XIX, um importante pouso de tropeiros e passava um caminho que ligava a capital a Santos⁶.

³ Eudes CAMPOS " Nos caminhos da Luz, antigos palacetes da elite paulistana" in: *Anais do Museu Paulista*, v13,n1,jan-jun 2005 p.14

⁴ MARZOLA, Nádya *Bela Vista, História dos Bairros de São Paulo*, vol 15. São Paulo, DPH, 1985

⁵ BRUNO, Ernani Silva *História e Tradições da cidade de São Paulo*. São Paulo, HUCITEC/Prefeitura de São Paulo, 1984. p. 205

⁶ Os caminhos do Bexiga e o do Lavapés eram os mais freqüentados por serem os procurados pelas tropas, que se dirigiam a para Santos. Devido ao trânsito de tropas e carros de boi, que atravessavam a cidade, em 1791, o governador Lorena teve de estabelecer os pontos, onde as tropas e carros de boi deveriam estacionar. Esses carros de boi e as tropas conduziam mantimentos para a cidade, procedentes de Atibaia, de Parnaíba, de Mogi das Cruzes. Aqueles que vinham dos distritos de Atibaia e de Parnaíba, como entravam na cidade pelo Oeste, deveriam estacionar na chácara do Bexiga, entre o Anhangabaú e o riacho Saracura. Saint Hilaire descreve a hospedaria do Bexiga como um terreno lamacento

De terras não exploradas, esconderijo e moradia de escravos, pouso de tropeiros e caminho para Santos, abrigo do matadouro municipal a região do Bixiga ganhará, a partir de 1878 novos significados: um loteamento que se transformará em bairro. Este bairro abrigará, a partir da década de 1890, milhares de imigrantes italianos que chegavam a São Paulo.

Em 1878 Antonio José Leite Braga, proprietário da Chácara do Bexiga resolveu arruar e lotear parte de suas terras. A área a ser loteada se localizava, mais ou menos, entre as atuais ruas Abolição e 13 de Maio, e entre a Av. Brigadeiro Luiz Antônio e Rua Santo Antônio. Previa-se a construção das novas instalações da Santa Casa da Misericórdia nesta área. O lançamento da pedra fundamental contou com a presença do Imperador do Brasil, D. Pedro II. O projeto de construção deste hospital nunca se consolidou e a área transformou-se rapidamente em bairro de moradia.

O parcelamento da chácara irá resultar, a partir do anos 1890, em um bairro construído por muitos pequenos lotes que tem, em média, até 10 metros de frente com quase nunca menos que 30 de profundidade. Não são incomuns terrenos com 60 a 80 metros de fundo. Esta configuração facilitará a construção de habitações coletivas, em geral associadas a atividades de sobrevivência de seus moradores. Entretanto a forte presença deste tipo de lote não exclui a existência de grandes terrenos onde foram construídos sobrados, muitos deles com algum luxo e requinte, como o que hoje abriga a sede do CPC USP e que pertenceu a famílias paulistas abastadas. Até 1905 encontramos nas listagens de proprietários integrantes do Arquivo Aguirra nomes de tradicionais famílias paulistas e empreendedores como Rodovalho, Dona Antonia de Queiroz, Antonio José Leite Braga, o loteador que vende uma grande quantidade de terrenos da Rua Conselheiro Ramalho, ou Francisco José Bastos que aparece como vendedor de muitos terrenos na Rua Manoel Dutra. Nesta documentação e na série de reformas de obras particulares sob a guarda do Arquivo Municipal Washington Luis encontramos também muitas casas pertencentes a artesãos e pequenos comerciantes que

cercado de um fosso e pequenas construções. O proprietário, Bexiga, autorizava o uso das pastagens pelos animais cobrando 1 vintém por dia e não cobrava hospedagem. O viajante informa que os cubículos eram imundos, sem forro e janela. As hospedarias melhores ficavam na cidade e só recebiam hóspedes com cartas de recomendação. SAINT-HILAIRE, A. *op.cit.* p. 164/165

associam moradia e trabalho. Trata-se, portanto da constituição de um bairro que abriga uma multiplicidade de situações de moradia envolvendo diversos grupos sociais, com forte predominância de habitações coletivas⁷.

Uma primeira análise da bibliografia existente revela um bairro materialmente constituído entre final do século XIX até os anos 1920. Levantamento realizado pela Prefeitura de São Paulo no final da década de 1970, e que visava subsidiar propostas de intervenções de renovação urbana no Bexiga, revela que 80% das edificações eram residenciais térreas sendo que 50% delas havia sido construída antes de 1922. A par desta permanência, fato em si peculiar e excepcional em uma cidade como São Paulo que se refaz em ritmo alucinante temos também uma alta incidência de moradores que nasceram e viveram toda a vida no bairro. Outro dado relevante é a ausência de grandes indústrias no bairro desde o momento de sua configuração em finais do século XIX. Caracterizou-se desde sempre como local de moradia e trabalho de artesãos como sapateiros, costureiras, etc. Algumas manufaturas, localizadas em geral no fundo dos lotes, abrigavam marcenarias, fábricas de chapéus e panificação. Ainda em finais dos anos 1970 a imensa maioria da população trabalhava no próprio bairro ou no núcleo central (56%) assim como realizava nele as atividades de consumo de alimentação, serviços, vestuário(87%).

A estruturação física desta região pode então ser localizada entre finais do século XIX e primeiras décadas do XX. Esse movimento coincide com a transformação do loteamento em bairro. E aí a presença dos italianos, e sobretudo daqueles oriundos das regiões meridionais é decisiva. Pensando na relação entre a transformação das chácaras em bairros e a presença dos estrangeiros parece-nos possível pensar uma periodização da ocupação e transformação desta região: entre 1878/1890 consolidação do loteamento com fraca presença de estrangeiros; após 1890 amplia-se a presença de estrangeiros, marcadamente italianos que serão a maioria dos proprietários do

⁷ A percepção do Bexiga como um bairro pobre e não industrial é recorrente na bibliografia. Talvez a percepção da pobreza, que valoriza na caracterização do bairro a existência de cortiços, sem procurar qualifica-los, esteja associada à existência de um lugar marcado por forte diversidade social com proximidade física. A inexistência de vizinhanças homogêneas, como nomeia Paulo Garcez, no bairro configura-se como elemento central de análise e enfrentamento das questões propostas em nossa pesquisa

bairro após 1905. Dizer da presença dos italianos significa reconhecer que a presença deles marcava de forma decisiva a estrutura de propriedade e sociabilidade do espaço considerado.

Mas é essencial qualificar este italiano. Em sua tese *Brava Gente*, Zuleika Alvim⁸, ao trabalhar com fontes e bibliografia italianas e brasileiras sinaliza diferenças e similaridades entre imigrantes oriundos do norte e do sul da Itália e coloca a questão, central para nós, da inexistência de um “italiano” imigrante. Desta forma, é essencial reconhecer os lugares de origem e as intenções e expectativas que originaram o ato migratório para compreender as relações e inserções estabelecidas no Brasil. Reconhecer que os imigrantes tentavam aglutinar-se segundo regiões de origem⁹ significa buscar compreender as redes de origem e as aqui construídas e/ou reproduzidas¹⁰.

A presença de italianos oriundos do sul da Itália, notadamente da Calábria, tem sido recorrentemente utilizada para caracterizar o Bexiga. O imigrante, revelado pela nossa pesquisa, é portador de uma experiência urbana prévia à imigração e detêm algum tipo de capital (cultural, financeiro, etc) que viabiliza sua inserção na cidade.

2. Imigração e cidade

A discussão sobre a introdução de imigrantes no Brasil ao longo do século XIX e início do século XX caracteriza-se por uma dualidade entre colonização e imigração. Os primeiros seriam aqueles que, alocados em lotes de terras definidos e inicialmente administrados pelo governo imperial, deviam formar núcleos de pequenos produtores e encontram-se, via de regra, associados a uma perspectiva civilizacional. A imigração enquadra-se em políticas públicas de atração de mão de obra, sobretudo para as grandes culturas de exportação, notadamente o café e revela a importância política e econômica dos cafeicultores do Oeste Paulista¹¹. Tratava-se de introduzir, em larga escala, trabalhadores expropriados destinados ao mundo rural. A subvenção

⁸ Zuleika Alvim, *Brava Gente*. São Paulo, Brasiliense, 1986

⁹ Zuleika Alvim *op.cit.*p.65

¹⁰ Oswaldo Truzzi. “Redes em processos migratórios” *Tempo Social*, revista de sociologia da USP. São Paulo, v.20, n.1 2008

¹¹ Esta diferença já consta da documentação como, por exemplo, dos Relatórios do Ministério da Agricultura e dos Presidentes de Província.

governamental foi a fórmula encontrada, a partir de meados dos anos 1880, que garantiu a entrada de milhões de trabalhadores europeus, sobretudo italianos, e que tinham como destino preferencial o trabalho nas lavouras de café paulistas. A atuação da Sociedade Promotora da Imigração, entre 1886 e 1895 foi fundamental na atração de mais de 200.000 imigrantes, em sua maioria oriundos do norte da Itália, sobretudo do Vêneto. Douglas Graham aponta que até 1893 94,1% dos imigrantes que entraram no estado de São Paulo eram subvencionados. Este percentual é declinante e para o período 1904/1918 oscila entre 36 a 39% do total.¹² A bibliografia explica a disponibilidade para a realização do ato imigratório como decorrente do processo de transformação fundiária, pauperização e industrialização em curso na Itália em finais do século XIX¹³.

Os imigrantes oriundos da Itália predominam na corrente imigratória para o estado de São Paulo no período entre 1886 e 1902. Desta data até 1920 as condições de atração exercidas pelos EUA diminuem consideravelmente o fluxo migratório para o Brasil. A partir de 1905 já predominam imigrantes oriundos de Portugal e Espanha. Entre 1870/1902 a média anual era de 43.116 italianos; entre 1902/1920 este número cai para 14.328. Outro dado importante refere-se à origem destes italianos. De 1886 até 1902 predominavam vênnetos e lombardos(30,9%)¹⁴. Após esta data aqueles originários das províncias do sul são a maioria.

	Veneto	Lombardia	Campânia	Calábria
Ate 1901	326.793	86.585	108.301	67.944
Após 1902	38.917	19.388	57.779	63.211

Annuario Statistico dell'emigrazione italiana dal 1876 al 1925 apud Alvim p.63

Podemos perceber uma alteração no perfil dos imigrantes se consideramos a questão da imigração subsidiada ou espontânea, os padrões de pobreza e as

¹² Douglas Graham."Migração estrangeira e a questão da oferta de mão de obra no crescimento econômico brasileiro", *Estudos Econômicos*, v.3,n.1 São Paulo abril1973, p.49

¹³ Segundo Zuleika Alvim. *op. cit.* p.22 até 1885 a maioria dos imigrantes integravam universos de meeiros, pequenos proprietários e arrendatários independente de serem do norte ou do sul da Itália. Ver também Emílio Franzina. *A grande emigração: o êxodo dos italianos do Vêneto para o Brasil*. Campinas, Ed UNICAMP, 2006

¹⁴ A periodização de Zuleika Alvim. *op.cit.* p.62 revela que o período que abarca os anos 1895/1896 a 1902 caracteriza-se por expressivo aumento da chegada das populações meridionais.

regiões de origem. Em linhas gerais o movimento imigratório ocorrido até o final do século XIX caracteriza-se pela predominância quase absoluta do imigrante subsidiado, originário preferencialmente do norte da Itália, sobretudo do Vêneto, de tradição agrícola e totalmente pauperizado, “proletário sem adjetivos”¹⁵, submetido aos desmandos das companhias de navegação, “verdadeiras aliciadoras de uma nova forma de tráfico humano”¹⁶. A partir do início do século XX cai de forma substantiva e constante o número de imigrantes subsidiados, amplia-se a entrada de imigrantes com algum pecúlio e/ou qualificação. É também a partir daí que cresce a entrada de imigrantes oriundos das províncias do sul da Itália. Parece-nos que parte substantiva dos novos moradores de São Paulo, e do Bexiga, originam-se deste grupo.

A presença dos imigrantes italianos nas cidades brasileiras, sobretudo na cidade de São Paulo, que cresce de forma vertiginosa naqueles anos finais do século XIX e início do XX e, em geral, é compreendida como desvio da destinação original: as fazendas de café. Há vasta bibliografia sobre o tema que analisa as condições de trabalho nas fazendas, a especificidade destas relações de trabalho, as possibilidades de mobilidade e ascensão social, a importância do acesso à propriedade da terra, etc. Os estudos deste imenso movimento populacional indicam um alto índice de retorno e/ou abandono das fazendas¹⁷. Este abandono da condição de trabalhador agrícola e a ida/fuga para as cidades é apontado como uma das causas centrais da vertiginosa expansão urbana da capital paulista. Os estudos que tratam das questões relacionadas à presença dos italianos no Brasil pouco se detêm sobre as motivações da emigração considerando a pauperização como elemento motor da decisão migratória.

Vertiginoso, sem dúvida, este crescimento urbano não poderá ter uma única explicação. A associação imigração/colono do café fez com que pouco se perguntasse sobre os milhares de imigrantes que afluíram para a cidade de São Paulo naqueles finais do século XIX tendo como origem as cidades italianas e destino as cidades brasileiras. Este contingente imigrante estava

¹⁵ Brasília Sallum Jr. Capitalismo e cafeicultura apud Alexandre de Freitas Barbosa. *A formação do mercado de trabalho no Brasil* São Paulo, Alameda, 2008 p.140

¹⁶ Franco Cenni. *Italianos no Brasil: andiamo in Merica*. São Paulo, Edusp, 2003 p.238. Vale lembrar que alguns importantes traficantes de escravos fizeram após 1850 adaptações em seus navios negreiros e transformaram-se em “negociantes de imigrantes”

¹⁷ Zuleika Alvim, *op.cit.* p.60

excluído da imigração subsidiada. Muitos dos que foram morar no Bexiga faziam parte deste grupo.

Nuncia Constantino estuda, para Porto Alegre, um grupo de imigrantes oriundos de Morano Calabro, região de Cosenza na Calabria e revela que a maioria deles eram, na Itália, pequenos proprietários, meeiros ou artesãos. Independentemente de trabalharem em atividades agrícolas moravam em cidades. Possuíam algum bem ou pecúlio que lhes permitiu financiar a viagem e a busca de outra sorte no além mar. A família permanecia nos locais de origem. Se, na década de 1880, a emigração era um dado para esta região é entre 1901 e 1910 que atinge cifras espetaculares(32 para cada mil habitantes). Em Porto Alegre estabelecem-se em pequenas empresas de caráter familiar. Vem sozinhos e, á medida que se estabelecem, vão chamando outros membros da família, processo este muito similar ao dos portugueses vindos para o Brasil¹⁸.

Vitorio Cappelli estuda grupos de emigrantes espontâneos que partem de uma pequena "área na Itália meridional, no limite entre as províncias de Cosenza, Potenza e Salerno, portanto entre três regiões italianas:Calábria, Basilicata e Campânia. Trata-se de uma parte do Apenino meridional, onde o fenômeno da emigração para as Américas manifesta-se de forma precoce, já a partir da década de 1860, estimulando uma ativa experiência de mobilidade, relacionada a hábitos dos vendedores ambulantes e, sobretudo, ao articulado mundo dos artesãos: douradores, artífices em estanho e em cobre, cinzeladores, prateiros, ourives, caldeireiros, fabricantes de instrumentos de corda, tintureiros, alfaiates, sapateiros...esses emigrantes –na maior parte das vezes artesãos e camponeses pequenos proprietários– excluem do seu horizonte a perspectiva de trabalho agrícola, assim como o isolamento em ambientes rurais; todavia também evitam, se possível, as grandes capitais.¹⁹.

¹⁸ Ver dentre outros Eulália M Lahmeyer Lobo. *Imigração Portuguesa no Brasil*. São Paulo, HUCITEC, 2001; Maria Izilda Matos et alli(org). *Deslocamentos e histórias: os portugueses*. Bauru, EDUSC, 2008

¹⁹ Vitorio Cappelli, *Estudos Ibero-Americanos*. PUCRS, v. XXXIII, n. 1, p. 7-37, junho 2007 O autor afirma que estes imigrantes preferem os pequenos centros urbanos, como acontece, por exemplo, na América Central e no norte do Brasil. Não é raro escolherem cidades portuárias em desenvolvimento na virada para o século XX, como Barranquilla, na Colômbia, ou Guayaquil, no Equador. A forte presença em São Paulo impõe uma problematização dessa assertiva

Os trabalhos de Cappelli e Nuncia apresentam imigrantes de características muito semelhantes aos encontrados no bairro do Bexiga em São Paulo. Dados sobre o período compreendido entre 1876/1920 revelam que migraram para o Brasil 1.243.633 italianos. Destes 332.123, 26,7%, eram originários das tres regiões mencionadas por Cappelli²⁰.

3.Os calabreses : porque e como migravam

Pierro Bevilacqua e Ercole Sori ao estudarem a sociedade rural e processos migratórios na Itália relativizam a contraposição entre mundo rural e urbano. Afirmam que o mundo rural não era nem imóvel nem fechado e que apenas uma pequena parte da população, aquela que sendo proprietária era também auto-suficiente, vivia exclusivamente no e do mundo rural. Para a maioria o trabalho agrícola, ainda que predominante, estava associado à realização de múltiplas atividades relacionadas a atividades artesãs não agrícolas. A existência do latifúndio configurava movimentos sazonais de trabalhadores e caracterizava a presença de práticas migrantes. A imigração transoceânica irá operar no século XIX sobre uma cultura que tinha a viagem e a peregrinação como dados presentes e atuantes²¹. Neste sentido a emigração, mais do que apenas a fuga da miséria era recorrentemente uma forma de sobrevivência, inserida em uma longa cultura da mobilidade. Mesmo transoceânico este movimento inicialmente é sazonal e temporário. Zuleika Alvim cita trabalho sobre a imigração calabresa para o Brasil onde afirma-se que “os calabreses partem de preferência nos meses de inverno...quando os trabalhos no campo já terminaram e podem ser deixados aos cuidados das mulheres e crianças. Aqueles emigrantes que dirigem-se ao Brasil e aos países do Prata são de preferência atraídos pelos trabalhos de colheita, que naquelas regiões exigem sempre grande quantidade de mão-de-obra”²².

Esta imigração temporária em busca de trabalho monetariamente remunerado, de forma a melhorar as condições de vida nos locais de origem

²⁰ Emmigrazione italiana per Brasile, secondo le regioni di procedenza - período 1876/1920 DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ESTATÍSTICA(1947) Catálogo das Indústrias do Município da Capital.São Paulo. Tipografia Brasil.Rothschild Loureiro & Cia. Ltda

²¹ P. Bevilacqua. Op.cit. p. 98 mostra os movimentos entre Calabria, Basilicata, Reggio Calabria e Sicilia: a colheita de grãos, a produção de azeite, a colheita de frutas cítricas

²² D. Taruffi et all p.730 apud Zuleika Alvim *op.cit.* p.58

onde permanece a família e onde se tem a propriedade ou alguma forma de acesso estável a terra está presente nos grupos calabreses e meridionais²³ mas não é deles exclusividade. O controle deste movimento de trabalhadores, transumância moderna, é um dos desafios da constituição de um mercado de trabalho no século XIX/XX e coloca recorrentes problemas de controle e identificação das populações trabalhadoras. Esta migração temporária era conhecida no Brasil, envolvendo os chamados nacionais. Meu trabalho de mestrado mostra a existência desse fluxo de regiões de Minas Gerais para as fazendas de café em São Paulo²⁴. Também trabalhadores nordestinos são aliciados para trabalhos temporários no início da República constituindo focos permanentes de tensão regional.

Este movimento migratório, nem permanente nem familiar, supõe a existência de algum recurso financeiro que a família investe na migração de um de seus integrantes, em geral um homem jovem. O sucesso dessa migração pode significar a permanência no destino estrangeiro e a vinda paulatina da família. Ou então um movimento de retorno que pode se repetir inúmeras vezes.

Em 1890 chegam em São Paulo dois jovens irmãos. Domenicantonio e Giovanni, oriundos da região de Salerno(Campânia). Após alguns anos abrem na esquina da Av. Brigadeiro Luis Antonio com a Rua Major Diogo uma padaria onde passam a produzir o pão caseiro que aqui passa a ser conhecido como pão italiano. Em 1905 Domenico volta para a Itália onde se casa com Caterina Grecco e com quem teve 11 filhos. O irmão Giovanni permanece em São Paulo e mantém-se no ramo da panificação só que agora proprietário de estabelecimento comercial no Bom Retiro. A partir de 1924 os filhos de Domenico começam a imigrar para o Brasil. O primeiro deles Paulo, também abre padaria após 10 anos de trabalho com o tio e casa-se com a também

²³ Vitorio Cappelli afirma que a subjetividade que impulsiona esta experiência migratória contradiz e desmente a idéia formulada por Fernand Braudel, a propósito das montanhas mediterrâneas, que ele entendia como uma “fábrica de homens”, decorrente da presumida imobilidade social e cultural dos lugares de partida, que teriam expulso do seu seio os indivíduos, segundo a lógica elementar e brutal da necessidade. As experiências migratórias concretas a que nos referimos parecem, ao invés, dizer outra coisa. Além do mais, remetem ao extraordinário e paralelo dinamismo migratório sírio libanês – para ficar no mundo mediterrâneo, na vertente árabe do meio-oriental –, que também apresenta esses notáveis elementos de ousadia e de subjetividade. Pedro Bevilacqua também compartilha desta crítica a Braudel.

²⁴ Ana Lucia Duarte Lanna. *A transformação do trabalho*. Campinas, UNICAMP/CNPq, 1988

italiana Ida Fiasco que era devota dedicada à Igreja Nossa senhora da Achirópita.

Esta migração provoca transformações significativas nos locais de origem dos emigrados; especificamente no sul da Itália significa a introdução de importantes recursos monetários, de novos hábitos de vida e, muitas vezes, o desarranjo de situações familiares em decorrência da constituição de famílias diversas nos dois lados do Atlântico²⁵

Bevilacqua se pergunta sobre os motivos que transformaram esta longa tradição de itinerância em um colossal movimento demográfico? Segundo este autor a crise preço dos grãos é significativa, mas a emigração meridional é espetacular quando a crise já refluía. Desta forma apresenta um conjunto de fatores como as pragas agrícolas e um ambiente de pessimismo associados à abolição da primogenitura(1865) e a conseqüente fragmentação da terra erodindo a base fundiária do patrimônio; mais impostos; transformações do capitalismo afetando sobretudo componentes comunitários da sobrevivência como a existência dos bosques comunais e a agitação decorrente de movimentos sociais. A existência da América no momento em que o campo europeu entrava em fase de acelerada desarticulação transformava a crise em uma gigantesca dilatação do mercado de trabalho²⁶.

Para além desta transumância muitos imigrantes vem com as famílias, com a perspectiva de “fazer a América”. Para uns e outros o estabelecimento na nova terra viabiliza-se ao mobilizar os vínculos de origem, o que coloca como questão central a compreensão das redes estabelecidas entre eles.

5 Bexiga, modos de vida

A chegada destes estrangeiros e a afirmação do Bexiga como um bairro italiano se dará, por um lado, pela eliminação das referências que associavam a região a lugar de dejetos urbanos fazendo desaparecer os equipamentos relacionados a esta história. Por outro lado a transformação da região em

²⁵ Esta forma de migração é ainda hoje muito importante, como por exemplo nos brasileiros que migram para os estados Unidos

²⁶ P. Bevilacqua *op. cit.* p.107

bairro urbano e italiano significará a sucessiva eliminação e/ou submissão de marcas e referências negras, o Bexiga superpõe-se ao Saracura.

Analisando os dados integrantes do Arquivo Aguirra percebemos que a presença dos italianos, como proprietários, no bairro é majoritária a partir de 1905. Considerando os dados levantados para duas importantes ruas vemos que na Rua 13 de maio, até 1905, em 25% das fichas aparece pelo menos um nome de italiano. Este número duplica e, após 1905, 50% dos movimentos de transação imobiliária envolvem sobrenomes italianos. No caso da Rua Major Diogo estes dados são ainda mais impressionantes. Até 1905 40% das transações envolvem italianos e após esta data 82%.²⁷ Alguns destes italianos são proprietários de muitos imóveis adquiridos ao longo de décadas. As atividades profissionais e moradia superpõem-se nos endereços. Moram ao lado de imóveis para locação. Em 1912 morreu Raphael Briganti, natural de Póla, província de Salerno na Calmpânia. Morava na Rua Major Diogo 88. Neste mesmo endereço tinha uma fábrica de chapéus localizada em barracão de 2 andares e três salões. Seu filho mais velho Antonio, casado, morava no mesmo endereço e cuidava do negócio²⁸. Os outros imóveis, num total de 09, eram vizinhos localizando-se de forma contígua na Rua Major Diogo e Maria José. Eram imóveis de porta e janela, com 4 ou 5 cômodos e dependências externas (telheiro de zinco) cujo usufruto fica para a viúva, o que nos leva a supor que eram imóveis para locação²⁹. Outros possuem apenas o imóvel onde moram e muitos são apenas inquilinos. Todos convivem em uma proximidade física que configura a existência de uma significativa diversidade sócio econômica amalgamada por origens comuns.

O Catálogo das Indústrias do Município de São Paulo de 1945 revela a forte presença no bairro de empreendimentos, pertencentes a italianos e seus descendentes, ligados à alimentação (pães, doces, biscoitos) e práticas artesanais(serralheria e marcenaria).

²⁷ A continuidade da pesquisa prevê a tentativa de localizar as regiões de origem destes proprietários assim como suas atividades econômicas e formas de morar analisando os dados do AMWL e processos criminais e testamentos e inventários.

²⁸ O inventário não informa, no momento da morte do pai, o local de residência dos demais 5 filhos.

²⁹ Inventário de Raphael Briganti, 1912 Arquivo do Judiciário

A vida que se construía neste espaço, transformando-o em bairro³⁰ e seus ocupantes em italianos transcorria em moradias que, em geral, associavam habitação, trabalho e lazer. Um dos marcos da história do bairro e da memória paulistana é Francisco Capuano, natural de Rossano, Calabria. Teresa Porcari, sua segunda esposa era filha de Humberto, calabrés que morava nos Arcos e morreu durante a gripe espanhola. A cantina funcionava em sua casa na Rua Major Diogo. Inicialmente Capuano vendia produtos alimentícios: óleo, aliche e sopressata tudo importado da Itália. Aos poucos começou a oferecer refeições, inicialmente no porão da casa, e sempre serviu prato fixo. Lá se reuniam os moradores do bairro onde, além de comer jogavam bocha e ouviam música³¹. Também faz parte da memória construída a referência a cortiços que eram diversos dos atuais por congregarem “patrícios” e onde se experimentava uma vida partilhada, quase comunitária. Essa idéia de que o cortiço de antigamente, dos italianos era diverso dos cortiços de hoje associados à pobreza e precariedade (problema social) é recorrente nas lembranças e evocações do bairro italiano.

A análise da série de obras particulares do AMWL revela um bairro onde múltiplas formas do morar estão presentes: cortiços com casinhas em série ocupando os fundos dos longos lotes, porões habitados, casas isoladas ocupando o mesmo lote, sobrados individuais com requintes burgueses, casas com armazéns e lojas na frente, casas com oficinas nos fundos, casas com cocheiras. Enfim uma pluralidade de arranjos que revelam a coexistência de diversos extratos sociais e para os quais a noção de habitação coletiva como cortiço enquanto precariedade não é nem adequada nem suficiente para contemplar as diversidades. (figuras 1, 2, 3) O que efetivamente parece ausente

³⁰ A categoria de **bairro** é assumida como o recorte espacial a partir da distinção em relação ao conjunto da cidade desenvolvida por Pierre Mayol (2008). O bairro se define como uma organização coletiva de trajetórias individuais, como ampliação do habitáculo para o usuário, como uma noção dinâmica, enfim, definida por itinerários, trajetos e práticas. No bairro, público e privado são sempre interdependentes, porque um não tem significação sem o outro. Pela articulação, acumulação e combinação de conhecimento dos lugares, estabelecimento de trajetos cotidianos, relações de vizinhança e relações econômicas e de sobrevivência, é a organização de um dispositivo social e cultural segundo o qual o espaço urbano se torna não somente o objeto de um conhecimento mas o lugar de um reconhecimento Mayol, Pierre, “Morar” in: CERTEAU, M et alli. *A invenção do cotidiano 2 morar, cozinhar*. Petrópolis, Vozes, 2008 pp 39 a 45

³¹ P. Bevilacqua afirma que as viagens para a Europa e América almejavam a obtenção de recursos monetários mas eram realizadas em grupos agregados por parentela, profissão e região de origem, criando assim uma micro sociedade auto referenciada e com subcultura específica

ou rarefeito no bairro é a construção de casa unifamiliar em lote isolado. Mesmo famílias abastadas ou comerciantes bem sucedidos, como Mammana, possuem em seus terrenos mais que uma casa ou nela habita mais que uma família. O inventário de Inácio Mammana foi aberto em 1932 quando de seu falecimento por ataque cardíaco. Morreu em sua residência na Rua Manuel Dutra, 15. Era comerciante e natural de Regalbato, Catânia, Sicília. O inventário revela a construção de um “condomínio” edificado em terrenos na Rua Maria José 51 e 53 e Major Diogo 140 e 142. Neste terreno foram construídas 04 casas cujas frentes davam para as respectivas ruas e no miolo do lote uma garagem de uso comum.³²A família Scarlato originária de São Demétrio, Cosenza, Calábria marcou sua presença no bairro desde 1903. Vicente Scarlato, o patriarca, migrou diretamente para Bebedouro, São Paulo. Lá casa-se com uma jovem de origem sírio-libanesa e mudam para o Bexiga, São Paulo. O imigrante marceneiro constrói importante indústria moveleira localizada no fundo do terreno onde morava na Rua Treze de Maio, atual número 57. Os seus cinco filhos trabalhavam na marcenaria e moravam no mesmo terreno seja na casa assobradada que fecha a frente do lote seja em casas construídas no fundo do terreno. Os filhos e netos conviviam com outros italianos moradores dos diversos cortiços existentes na mesma rua 13 de maio e participavam ativamente das atividades envolvendo a festa da Achiropita. Conta seu neto que no dia da procissão o avô ficava no balcão da casa e distribuía dinheiro para a Santa em procissão³³

Uassyr Siqueira ao estudar as diversas associações e formas de lazer dos trabalhadores paulistanos revela fortes permanências e vínculos decorrentes da região de origem. Em razão de uma briga, vários italianos foram atados no posto policial do sul da Sé, em fevereiro de 1906. Acompanhando os testemunhos pode-se perceber que todos os envolvidos moravam no Bexiga, a

³² Lindeiros a estas casas e a própria residência do falecido existem, pertencentes ao espólio 4 casinhas de aluguel de dois andares, dois dormitórios e uma privada. A casa de morada do inventariado ficava em terreno de 7,75m de frente por 27m de frente a fundo. Tinha três andares, no primeiro hall, escritório, sala de estudo, despensa e garagem nos fundos; no segundo andar havia sala de visitas, jantar, música, chá e cozinha, privada, despensa e terraço. Por fim, no terceiro andar 5 dormitórios, banheiro, terraço coberto com telha tipo francês.

³³ Informações obtidas em entrevista com o neto Francisco Scarlato, professor da Geografia USP. O professor Scarlato era, por parte de mãe também neto do Capuano dono do restaurante

maior parte deles no mesmo endereço (Rua Marechal Deodoro 40), trabalhavam como vendedores de doces e balas e eram todos naturais de Salerno.³⁴

Em 1929 morre, sem deixar testamento, o italiano José Caruso, rico proprietário de imóveis e fábrica. A disputa pelos bens e patrimônio revela que José Caruso constituiu família duas vezes, não tendo se casado em nenhuma delas. Da primeira união com uma espanhola teve três filhos. Da segunda, com uma italiana teve outros dois, que eram menores quando de seu falecimento. A segunda companheira era casada com um italiano da região de Nápoles, morador na Rua Conselheiro Ramalho e proprietário de pequena papelaria na rua da Consolação. Dos filhos do primeiro casamento um era médico, outro comerciante e a filha mulher casa-se com um italiano e retorna para a Itália morando em Nápoles. Em função da disputa pelos bens instaura-se um processo para definir se os filhos menores da segunda união são adulterinos ou naturais, o que definiria se tinham ou não direito a herança. São convocadas 5 testemunhas. Todas elas afirmam ser amigas do falecido, mas nenhuma delas conviviam em sua casa ou com sua família. Duas das testemunhas indicam “a charutaria” como local de convívio e encontro sistemático. Uma das testemunhas, Rafael de Sanctis, negociante morador na Rua Xavier de Toledo 44, revela que era amigo de Jose Caruso desde a Itália já que moravam, não só na mesma cidade, Cosenza, mas na mesma **rua** e desde então eram amigos tendo ele migrado para São Paulo, em 1885, um ano antes de Caruso. Ao longo dos depoimentos fica evidenciado que Caruso vai e volta da Itália várias vezes entre 1886 e 1929(morte)

Ao longo das décadas estudadas o Bexiga foi se caracterizando como um bairro italiano, de forma distinta do Brás e da Mooca. Para estes últimos imperava a imagem fabril e de operários e seus recorrentes movimentos reivindicatórios. De forma diversa o Bexiga integrará uma referência que associa os italianos a práticas culturais associadas à religiosidade, alimentação e à festa. Esta imagem³⁵ persiste até os dias atuais fazendo deste bairro uma

³⁴ Uassyr de Siqueira. *Entre sindicatos, clubes e botequins: identidades, associações e lazer dos trabalhadores paulistanos(1890/1920)*. Doutorado em História, UNICAMP, 2008

³⁵ A **identidade étnica** é enfocada nos termos do estudo clássico de Fredrik Barth (1969) - “Grupos étnicos e suas fronteiras”: não como uma definição objetiva dada pelas práticas culturais, mas, sobretudo como conjunto de características estabelecidas pelos próprios

referência turística e cultural para a cidade apesar de praticamente não haver mais italianos e/ou seus descendentes habitando aquela região.

Dentre as práticas culturais instituídas por estes grupos aquelas relacionadas à devoção religiosa têm papel de destaque como elemento agregador e, simultaneamente, constitutivo de identidades étnicas que marcam até hoje esta região da metrópole paulistana como Bairro Italiano. Existem hoje no mundo apenas duas igrejas de devoção à Nossa Senhora Achirópita. Uma localizada no Bexiga e outra na cidade de Rossano, Calábria, lugar de origem dos grupos que para cá trouxeram a Santa e consolidaram sua devoção. No início do século XX entorno da Santa eram organizadas procissões e festas públicas. Nas duas primeiras décadas do século construiu-se uma pequena capela para abrigar a imagem. Outros grupos imigrantes tinham também suas devoções. O processo de afirmação de uma identidade italiana foi também o da afirmação da Nossa Senhora Achirópita. Inicialmente havia uma convivência com outros cultos, dentre os quais destaca-se o de Nossa Senhora da Ripalta, pertencente ao grupo de cerignolenses. O processo de afirmação de uma identidade italiana para os grupos de diversas regiões e tradições se fez no ato da imigração. Chegaram aqui como membros de aldeias e regiões e no processo de afirmação e construção de vida em São Paulo transformaram-se em italianos. A afirmação de práticas culturais locais como práticas, no caso devoções, de italianos também foi a transformação do local em nacional/estrangeiro. A afirmação desta devoção com a construção de uma Igreja que leva seu nome, a constituição e consolidação de uma festa popular em homenagem à santa foram movimentos importantes de constituição de uma “herança italiana” para o bairro e resultou da proeminência de grupos de imigrantes sobre outros que consolidaram suas crenças e heranças próprias como pertinentes ao conjunto dos imigrantes e moradores do lugar.

atores, que as consideram significantes. O principal ponto de partida consiste, portanto, em dar importância primordial ao fato de que “grupos étnicos são categorias de atribuição e identificação realizadas pelos próprios atores e assim organizam a interação entre as pessoas”, o que implica na existência de diferentes processos envolvidos na geração e manutenção desses grupos, e um permanente processo de construção e manutenção das fronteiras. Ainda seguindo Barth, a fronteira territorial entre grupos étnicos é vista como uma possibilidade e não como um aspecto incondicional. Nesse sentido, consagra-se atenção às fronteiras sociais, considerando que estas possam ou não ter contrapartidas territoriais. BARTH, Fredrik. “Grupos étnicos e suas fronteiras” in: POUTIGNAT, P e STREIFF-FENART, J. Teorias da etnicidade. São Paulo, UNESP, 1998 pp 194 ,189 e 195

Outro elemento importante na construção do Bexiga como um bairro italiano refere-se a existência de locais de comida, sejam os restaurantes, sejam as padarias. A maioria dos restaurantes (cantinas) hoje existentes no Bairro foram inauguradas há não mais que 60 anos. Mesmo o famoso Capuano, hoje localizado na rua Conselheiro Carrão não pertence à família que lhe deu origem. Contrariamente as padarias que ainda existem pertencem às mesmas famílias, ficam nos mesmos endereços e vendem, fundamentalmente, os mesmos produtos. Nelas, mais do que nas cantinas, podemos compreender a permanência e releituras de uma história italiana que se faz na América. A partir de 1890 foram aparecendo no bairro as primeiras padarias de italianos assim como foi se consolidando o culto a Nossa Senhora da Achiropita. Desta forma a comunidade italiana do bairro foi construindo para si espaços de convivência e tradução de suas heranças culturais. Ao mesmo tempo construía para a cidade a referência de um lugar pobre preenchido de práticas partilháveis (o catolicismo, a alimentação) que tornava a convivência diversa daquela estabelecida com os bairros fabris. A padaria São Domingos é até hoje uma referência no bairro e na cidade de São Paulo ao atribuir a identidade de italiana a este lugar. Sua história data de finais do século XIX. Domenico Albanese nasceu em Lauria, Calabria em 1861. Era oficial da Guarda Nacional e decidiu imigrar, com o irmão Braz, para o Brasil. A história familiar estruturava-se entorno de vários imóveis na Rua São Domingos onde ainda hoje funciona a padaria. A receita do pão caseiro teria vindo com eles, mas a profissão de padeiro foi aprendida aqui. Nos primeiros tempos entregavam pão em carrocinha. Em 1913 a padaria já ocupava a frente da casa e a família morava no segundo andar; em 1915 solicitavam autorização para construção de cocheiras e ampliação das casas³⁶. A segunda esposa de Domenico, Maria Albanese era devota da Igreja Achiropita³⁷.

³⁶ AMWL, série Obras Particulares

³⁷ As devoções eram originárias de cidades, assim como as redes de pertencimento originárias que articulavam, pelo menos em um primeiro momento, os imigrantes. Ao longo do tempo uma ou outra devoção/costume sobrepõe-se aos demais e passa a agregar a identidade do grupo estabelecido no estrangeiro. Como estudar estes percursos é um dos desafios da pesquisa.

Conclusão

Os resultados da pesquisa, ainda em andamento, revelam a construção do Bexiga como bairro italiano a partir dos últimos anos do século XIX, mas sobretudo nas primeiras décadas do século XX. A forte presença de imigrantes originários da região sul da Itália, vindos para o Brasil de forma espontânea, mobilizando tradições e vínculos, é revelada na análise da documentação seja a do Judiciário (inventários e testamentos), a policial ou ainda a referente a reformas de obras particulares. A associação entre moradia, trabalho e lazer é freqüente. Se as formas do morar são comuns, sobretudo pela quase inexistência de habitações unifamiliares, diversos são os padrões e dimensões das moradas indicando que a diversidade social compartilha os mesmos espaços urbanos. Práticas compartilhadas de alimentação, religiosidade e formas de morar conferem aos diversos grupos uma identidade comum de italianos, construída no Brasil ao longo do processo migratório. Curioso depoimento de José Passalacqua que ao morrer diz que apesar de nascido na Itália (e singularmente não menciona o lugar de origem) é brasileiro de coração mas sobretudo católico por forte devoção. O Bexiga se constrói como bairro por ser lugar formador de identidade, de modos de vida compartilhados. Compreender os processos que consolidaram esta identidade italiana e as seleções de tradições locais que ganham na América atributos de identidade nacional é um dos desafios da pesquisa. Da mesma forma, compreender a transformação da base física que constrói este bairro, distanciando-o da primeira definição de loteamento, e de suas múltiplas atividades é tarefa fundamental para compreendermos os percursos desta imigração que constrói e revela uma das muitas faces da cidade de São Paulo.